A linhagem de Branca é atormentada por um Espírito Familiar há cem anos, por meio de engano e guerra espiritual. Há apenas uma esperança para que Branca e sua família sejam libertos: através do Filho, cuja luz faz a escuridão fugir.

Pandemônio: Crônicas de um Espírito Familiar
By Ivani Greppi

Order the book from the publisher Booklocker.com
https://booklocker.com/books/13910.html?s=pdf
or from your favorite neighborhood
or online bookstore.

PAN-DEMÔNIO

CRÔNICAS DE UM ESPÍRITO FAMILIAR

IVANI GREPPI

PANDEMÔNIO—CRÔNICAS DE UM ESPIRITO FAMILIAR

Direitos Autorais © 2025 Ivani Greppi

ISBN: 978-1-959622-76-5

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, gravação ou outro, sem a permissão prévia por escrito do autor.

Este é um trabalho de ficção histórica, baseado em pessoas e eventos reais. O autor fez uso de liberdade criativa em muitos detalhes para aprimorar a experiência do leitor.

As escrituras foram retiradas da versão King James Atualizada (KJA), 2002 por Abba Press Editora e Divulgadora Cultural Ltda; Nova Almeida Atualizada (NAA), 2017 Sociedade Bíblica do Brasil.

Publicado por BookLocker.com, Inc., Trenton, Georgia.

BookLocker.com, Inc.
2025

Primeira Edição

Capítulo 1

O VISITANTE

KISSIMMEE, FLORIDA,
sexta-feira, dia 21 de março de 1997

Nesta manhã de primavera em março de 1997, por ordem dos meus superiores, eu sou convocado a sair do meu posto para enfrentar uma tarefa urgente. Agora aqui, diante deste edifício baixo e quadrado—pintado cor-de-rosa no tom de remédio para estômago—eu espero. É um grande contraste a paleta desse edifício situado entre dois prédios solenes e tradicionais feitos de tijolos. Localizado nesta cidade histórica, terra de vaqueiros na Flórida, o predinho rosa destaca-se como uma freira usando batom.

O prédio não pertence aqui. Muito menos os estrangeiros que são os donos—esses forasteiros que por gerações fui encarregado, e enviado para os vigiar hoje.

Ando para lá e para cá na calçada observando o ambiente. Uma brisa tropical sopra, agitando as bandeiras americanas como estandartes em navios de guerra penduradas em frente de várias empresas. O sol reluz nos para-brisas dos carros estacionados no outro lado da rua. Folhas de palmeiras farfalham acima, lançando sombras fragmentadas por onde eu passo. O tráfico lento circula pela rua de paralelepípedos. Um ciclista usando capacete pedala velozmente. Alguns pedestres examinam as vitrines.

Do lado direito do edifício rosa está a organização da Ordem Fraternal das Águias. Eu paro quando a porta de entrada abre, e o barman sai. Uma corrente de ar frio escapa da sala escura carregando um cheiro de fumaça de cigarro e cerveja. Bocejando, o barman se espreguiça e senta no banco na calçada. Um cachorro velho que descansa embaixo do banco, cheira os sapatos dele e volta a cair no sono.

Do outro lado da rua, o cozinheiro do restaurante grudento e oleoso, usa um giz para escrever o menu diário em uma tabuleta. Virando, ele acena para o barman, seu amigo, "Bom dia...tá na hora de uma folguinha, né?"

"É sim, vem pra cá," diz o barman. "Vamos dar uma fumada, mano."

Com o avental manchado de ketchup, o cozinheiro atravessa a rua com um sorriso distorcido no rosto barbudo. Sem fôlego, ele senta perto do barman tirando um cigarro do maço, "Tem fogo?" O cachorro choraminga, e o cozinheiro estica a mão debaixo do banco acariciando sua cabeça. "Vai dormir garoto," ele diz com voz rouca.

O barman risca o fósforo protegendo a chama com a mão, e ascende o cigarro do amigo. Com o dedão ele lança o fósforo fumegante no chão, perto de onde estou, "Como vai os negócios, mano?"

Com a fumaça saindo pelas narinas o cozinheiro grunhe e sinaliza com a cabeça na direção do prédio rosa, "Acho que tão bem quanto deles." Dando uma tragada profunda, ele fica carrancudo, "Olha aí. Quem é que pinta um prédio cor-de-rosa, e ainda põe o nome da gráfica de Pirâmide? Cê vai ver, logo, logo esse povinho aí vai tomar conta de tudo por aqui."

"É isso aí," o barman coça a testa, "Nossa cidade não é mais aquela não."

Entediado, eu me posiciono diante dos dois homens. Balançando nos meus pés eu coloco minhas mãos nas costas, e olho pra eles bem de perto. O cachorro levanta a cabeça e rosna.

"Volta dormir garoto," franzindo os olhos contra o sol, o cozinheiro fita os olhos através de mim. "É, esse nosso lugar dos velhos tempos. Quem diria, hem? Povinho que no habla inglês se apoderando do pedaço. Logo nossa vizinhança vai parecer que foi vomitada com lápis de cor."

Com isso o barman funga e cai na risada. Das mais profundas cavidades nasais, ele funga novamente. Catarreando, ele cospe,

quase acertando meu pé.

"Raça maldita!" Rosnando, agarro o barman pela garganta, aperto seu pescoço gordo, bloqueando sua traqueia. Com força, sacudo ele como uma oliveira na tempestade. Enquanto ele se engasga e tosse, dou gargalhadas. Seus olhos esbugalham com os vasos sanguíneos espalhando por sua esclera. Seu nariz bulboso torna roxo como uma ameixa madura. Morrendo de rir, vejo ele se debater como um peixe no anzol, tentando pegar o fôlego.

Ah, como eu queria acabar com essa vida imprestável. Contudo, não vale a pena gastar minhas energias nesse pedaço de sebo. Eu tenho coisas mais importantes para fazer. Então solto ele.

"Opa, opa," com o cigarro pendurado nos lábios, o cozinheiro bate forte nas costas do amigo. Enquanto o barman recupera o fôlego, ele diz, "Tá na hora de cortar no fumo amigo, antes que você acaba tossindo um pulmão pra fora, hem?"

"Por um segundo pensei que eu já era, mano," ele diz com voz rouca parecendo um cachorro que retorna ao seu vômito.

Agora, minha atenção volta para minha missão. Pelo canto do olho vejo o carro do visitante subindo a rua. Enfurecido por sua presença se aproximando, eu estendo minhas garras. Sombras profundas manifestam quando as nuvens cobrem o sol. Convocando minha energia mais escura, projeto-a para o cachorro. Ganindo com pavor, ele corre diretamente em frente do veículo. Freios guincham. O carro desvia. Infelizmente, por um triz, ele não atropela o vira-lata.

Agitados, os dois amigos levantam do banco. Esticando os pescoços, eles observam o cachorro correndo são e salvo para o outro lado da rua.

"Ei!" O cozinheiro grita. "Devagar aí, cara."

O carro continua aproximando, e eu grito, "Desvie, desvie!" Meus comandos são ignorados enquanto o homem calmamente estaciona diretamente diante do prédio cor-de-rosa.

Antes que ele tenha chance de sair do carro, já estou ao seu lado.

Com minhas garras segurando a porta entreaberta, rosno, "Não tem nada para você aqui. Some daqui agora." Mesmo que já está com uma perna fora do carro, eu tento distraí-lo, "E sua reunião na igreja hoje? Você esqueceu?" Empurro a porta quando ele hesita, "Você vai se atrasar. Vai agora. Não perca seu tempo aqui."

Ele olha para o relógio de pulso. Virando, ele pega o Livro que está no assento de passageiro. Surpreendentemente, ele abre a porta e sai da minivan. Então, eu me posiciono em frente dele, e apontando para a placa da gráfica Pirâmide, sussurro, "Porque está aqui pregador? O que você quer com meus cativos? Você não sabe? Eles são ocultistas. Você não é bem vindo aqui."

Minha única missão hoje é para impedir que o pregador entre no estabelecimento dos meus cativos. Por nossa extensiva rede de comunicação, meus vigias me informaram que esse homem, um missionário que veio do Brasil, tem como alvo os imigrantes desta cidade. Ele já conseguiu arrancar muitos que nos pertenciam. Certamente ele é um problema, e tem que ser detido.

Porém, falhei em tentar convencê-lo para voltar para o carro. E como me enfurece esse homem obstinado, teimoso e de cabeça dura! Ele pisa na calçada e minha energia o envolve. Eu lhe empurro. Ele tropeça e cai de joelhos. Com um baque, o Livro cai alguns centímetros de distância de onde ele ajoelha com as palmas da mão no chão.

O cozinheiro e o barman acham a cena divertida, e enquanto eu pairo sobre o corpo do pregador, escuto eles cacarejar como galinhas.

O barman ri, "É um pouco cedo pra tá de cara cheia, né senhor?"

Pegando o Livro, o homem se levanta limpando o pó das calças. Eu corro para a porta da gráfica bloqueando sua entrada.

Com as minhas garras estendidas perto de seu rosto grito, "Ah! Que tu queres conosco, homem de Deus? Vieste destruir a nós? Sei bem quem tu és."

Capítulo 2

A MENSAGEM

Com muita força, o pregador abre a porta. A campainha acima toca. E antes de entrar, ele inclina a cabeça calva, fecha os olhos e diz, "Fica quieto demônio. Você não tem autoridade nem poder aqui." Como uma espada, ele ergue o Livro diante de mim e diz, "Que o Senhor te repreenda."

Com a semelhança de um clarão de relâmpago, dois guardiães acompanham o homem para dentro. Outro guarda—parecendo uma montanha—vigia a entrada. Rosnando, eu arrisco um passo cauteloso mais perto da porta. Centímetro por centímetro eu tento estabelecer meu território. Um ousado passo final, quando sob meus pés vem um estrondo, e a terra estremece como um terremoto. Espatifo-me no chão. Enfraquecido e tremulo, rastejo para longe do meu adversário. Com seu olhar de raio-laser, ele segue todos meus movimentos enquanto me arrasto até alcançar a vitrine da gráfica. Por agora, não tenho outra opção senão observar através do vidro a interação do inimigo com a família da minha cativa principal.

Com dentes cerrados, eu juro, "Ah pregador…como você vai pagar por isso."

Atrás do balcão, a irmã da minha cativa cumprimenta o homem com um sorriso, "Olá. Posso ajudá-lo?" Baixinha, ela olha para o estranho alto, vestido de terno. É claro, não posso ouvir suas palavras, mas posso facilmente ler seus lábios. E os lábios dele também.

Colocando o Livro no balcão, o homem pergunta, "Você fala português?"

Quando ela abre a boca para responder, o pai chega abruptamente da sala dos fundos. Como folhas de mimosa, ela se encolhe, colocando fios de seu cabelo ruivo atras da orelha. Seu brinco de

argola oscilando, parece uma pulseira.

O pai estende seu queixo barbudo para a frente examinando o homem da cabeça aos pés. Metodicamente, ele limpa a tinta dos dedos com um pano, focalizando agora no Livro em cima do balcão, como se isso fosse um sacrilégio terrível sobre o altar de seu estabelecimento comercial. De cara fechada, ele finalmente estende a mão e responde à pergunta do homem, "Sim. Nós falamos português."

Quando o pastor aperta a mão do pai, seus olhos de carneiro mal morto, brilham. Escritura ensaiada jorra de seus lábios, "Graça e paz vos sejam multiplicadas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor."

Com um olhar desconfiado, o pai aperta a mão do homem, ouvindo seus murmúrios religiosos e absurdos.

"É um prazer conhecer o senhor. Eu sou o pastor da nova Congregação Brasileira na Igreja Comunitária. Nossa missão é alcançar os imigrantes que não falam inglês nesta cidade." Por fim, soltando a mão do pai, ele suspira profundamente com melancolia, "Quantas almas perdidas que moram aqui precisam de ajuda, não é?" Erguendo as mãos, com olhos arregalados enfatiza, "Não só apenas necessidades materiais, senhor. Não." Agora um sorriso largo, um pouco amigável demais, ilumina seu rosto, "Mas ajuda que só pode vir do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Aquele que tudo nos dá."

A irmã continua em silêncio atrás do balcão, e quase imperceptivelmente muda de posição. Com suas mãos segurando a borda do balcão, ela observa os dois homens com a expressão de um corredor esperando o disparo da pistola. Um sorriso cínico brota nos meus lábios quando percebo sua ansiedade.

O pregador continua, "Seria uma grande benção se o senhor e sua família visitassem nossa igreja domingo."

Com sobrancelhas pontiagudas, e testa franzida, o pai bufa, "Olha aqui. Nós falamos muito bem inglês, sabia? Eu e minha família vivemos aqui desde 1968, entendeu?" Ele mete o pano

manchado de tinta no bolso de trás das calças jeans, "E tem mais. Vou te contar. Para mim, igrejas estão cheias de ganância, corrupção." Com as mãos nos quadris continua com um tom áspero, "Esse povo religioso. Só prestam pra condenar, não é mesmo?" Com o dedo indicador, sua unha manchada de tinta, ele aponta para o rosto espantado do pastor, "É isso aí. Você quer cartão de visitas? Folhetos? Nós podemos te ajudar. Igreja e religião—não precisamos."

Eu bato palmas, "É isso aí. Bom trabalho. Muito bom mesmo." Meu ódio penetra através do vidro, olhando para o palhaço do pastor insensato, com sua expressão chocada. Então grito meu comando para o pai, "Vamos logo. Acaba com ele agora."

Mas para minha grande irritação, o pregador logo recupera. Dando outro sorriso falso, ele diz, "Por favor, senhor. Me permita uma palavra."

Bato no vidro e grito, "Uma palavra?" Bato com força de novo, "Você pode é cair fora agora mesmo, seu traficante de Deus!"

"Permite-me explicar, sim?" Ele alisa a gravata, e acena com a cabeça para a irmã—cuja pele dela agora tem o mesmo tom que seu cabelo. "A razão pela qual estou aqui, é em obediência a um chamado de Deus. Para lhes abrir os olhos e os converteres das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus, a fim de que recebam o perdão dos pecados." Ele aponta para as luzes fluorescentes penduradas no teto manchado de água e sorri novamente, "Isto não é sobre igreja ou religião, meu irmão."

Na expectativa da reação explosiva de seu pai, a irmã se afasta do balcão, mordendo o lábio inferior quando repara nos olhos do pai, uma tempestade furiosa. Ela volta sua atenção para o pastor, cujo sorriso murcha como uma planta ressecada. Lentamente, ele pega o Livro do balcão, e coloca-o sobre o peito como proteção.

"O que é isto? Satanás? Pecado? Quem é você pra julgar?" Franzindo suas sobrancelhas, as artérias carótidas pulsam em seu pescoço quando ele grita, "Quem você pensa que é? Hem? Entrando aqui com promessas dessa tal de liberdade, quando você—você

mesmo é um escravo de seja qual for essa religião que te dominou. Nós não precisamos disso. Não queremos nada disso." E com tudo dito, o pai vira as costas, voltando diretamente para a sala de impressão.

Vibrando eu aplaudo por trás da vitrine, "Bravo. Muito bem, senhor! Muito bem feito mesmo." Sem nenhuma interferência minha, o pai, como um bom discípulo, colocou o pastor em seu lugar. Missão cumprida. "Está vendo seu pregador," Sibilo através das minhas presas, "Você não é bem-vindo aqui. Saia daqui agora." Gargalhando sem controle, eu bato no vidro que vibra com o baque. "Some daqui! Seu fracassado inútil. Deixa-nos, homem de Deus!"

Gotas de suor brotam no rosto corado do pregador. Ele pega um lenço no bolso do paletó, e enxuga a testa, "Deixo-vos a paz; a minha paz vos dou, irmã." Colocando o Livro debaixo do braço, ele se dirige para a porta.

A irmã baixa os olhos para o balcão, e agradece o pastor, "Obrigada." E lhe acena um adeus cortês.

Rindo, passo correndo perto da sentinela que continua guardando a porta da entrada. Esfrego minhas garras em antecipação de ver o pregador sair com o rabo entre as pernas.

Enquanto rodeio seu veículo, planejo minha vingança. Noto que atrás de sua minivan tem um peixinho de metal no para-choque —e dou-lhe um pontapé antes de subir na capota do carro. Levanto meus braços provocando a sentinela que fica firme revestido com sua armadura, mantendo-se imóvel exceto seu olhar raio-laser que acompanha todos meus movimentos. "Eles não aceitaram a mensagem. Seu tolo!" Com satisfação pulo pra cima e pra baixo, maquinando uma falha mecânica na minivan. Quem sabe, um acidente de trânsito no cruzamento? "Há! Como você perdeu seu tempo aqui."

Escuto a campainha da porta tocar. Finalmente, a porta abre. Cerrando os punhos, espero a saída do pastor, mas ele volta para dentro novamente, e a porta fecha. "O que é isso?" Eu grito e desço do carro. Me agacho no chão, e rosno como um cão

raivoso, “Onde estás pregador?”

Correndo em direção a porta, eu berro, atacando o guardião com minhas garras e dentes. Ele levanta o escudo, me pega pelo pescoço, lançando-me no ar. Eu bato contra o poste de luz, esborrachando na calçada como lixo descartado. Sem forças, minha energia esgotada, eu rastejo de joelhos até a vitrine da gráfica. E o que vejo lá dentro faz minha fúria explodir como lava. Em um redemoinho de condenação, eu juro aos céus, “Por isso, derramarei sobre eles grande vingança!”

A irmã. Patetinha cretina. Ah, como esse fofoqueiro intrometido enfeitiçou ela! É repugnante ver ela se aproximar do pastor com suas mãos implorando, “Meu filho. Dezessete anos. Drogas.” Com lábios trêmulos, suas lagrimas caem sobre o balcão, “A namorada. Gravida.”

Tem muita luz brilhando ao seu redor, e me esforço para ler seus lábios. Mas sei muito bem o que a traiçoeirinha está fazendo.

“Irmã, levanta seus olhos. De onde virá o teu socorro? Virá do Senhor, o criador dos céus e da terra. Ele não vai deixar seu pé escorregar. Ele cuida de você. Ele vai protegê-la de todo mal e vigiar a sua vida. O Senhor cuidará de você indo e vindo, agora e para sempre.”

Com meus punhos cerrados, dou socos contra a vitrine, “Não! Eu te proíbo!”

Onde está o pai? Ele precisa pôr um fim nisso tudo antes que o inimigo triunfe. Certamente, a impressora retumbando como uma locomotiva na sala dos fundos, não o deixa ouvir as mentiras venenosas, as quais o pregador contamina sua filha. Eu comando que ela olhe para mim com toda as minhas forças. Mas quem olha para mim em desafio é o pregador. Colocando as mãos sobre as dela, ele diz, “Crê no Senhor Jesus, e assim serás salvo, tu e os de tua casa!”

Bato com minha testa repetidamente sobre o vidro gelado. Expondo minhas presas, uivo, “Mentiras. Tudo mentiras!”

Cai um raio de luz. Por um segundo, me cega.
E nesse instante, a alma da irmã é resgatada do abismo.
Mesmo assim, nem tudo está perdido. E a vingança é minha.

Capítulo 3

BRANCA

Não há tempo a perder. Volto rapidamente para minha base, onde encontro minha cativa na varanda. Ela olha vagamente para as algas flutuando na superfície da piscina, apoiando o queixo na palma da mão. Um cigarro queima no cinzeiro transbordando em sua frente. E assim que me aproximo dela, o telefone toca, trazendo-a de volta para realidade. Saltando da cadeira, ela passa por mim, e abre a porta-balcão para atender a chamada.

Como me enfurece isto, pois já bem sei quem está na outra linha.

Ela coloca o telefone amarelo no ouvido. Com desanimo ela fala, "Alô?" O fio do telefone enrolado, estica quando ela volta para a varanda. Suspirando, ela senta, "Oi." Depois de uma profunda tragada do cigarro, ela diz através da fumaça, "Nada, só cansada. Cheguei agora pouco do trabalho." Ela enrola o fio do telefone no dedo, "Porque? Que foi?"

O motivo é óbvio porque a fofoqueira traiçoeira está chamando. Lastimavelmente, a notícia da traidora vai cair em saco-roto. Encostando na minha cativa, chego perto do telefone e escuto a irmã dizer, "Um pastor brasileiro veio na gráfica hoje..."

"É mesmo?" Minha cativa pergunta com pouco interesse.

Eu distraio sua atenção para a piscina, "Que pena que você não pode dar um mergulho nessa sopa de ervilhas, não é mesmo? A água não estava limpinha e cristalina há alguns dias atrás?" Ela se reposiciona na cadeira, quando mostro o resíduo bolorento sobre os brinquedos insufláveis espalhados no deck da piscina, "Que pena das crianças. Presas lá dentro de casa nesse lindo dia. Será que não está na hora de contratar um profissional para limpar a piscina, hem?"

"Alô? Tá me ouvindo?" A cagueta ri, trazendo minha cativa de volta para a conversa.

"Desculpa. O que?"

"Então, como estava falando, o pastor... ele orou por mim."

Rindo, Branca diz, "Verdade?" Ela cruza as pernas, balançando o chinelo no pé, "Sério? Um pastor rezou por você na gráfica?"

"É, ele fez uma prece," ela diz com cautela, "Nem sei como te explicar, mas senti tanta paz—como nunca senti antes em minha vida."

"Ai meu Deus," Branca revira os olhos, "Você parece aqueles crentes chatos, Mana." Sua perna balança como um pêndulo, batendo com a sandália na sola do pé, "Que é isso menina?"

"Sei que você nem vai acreditar," ela respira fundo, "Mas aceitei Jesus Cristo. Sou cristã agora, e eu..."

Telepaticamente, dou um rugido no ouvido da minha serva, "Basta!" Toco na sua testa, lançando minha fúria como veneno em sua alma, "Sua irmã foi contaminada pelas mentiras do pregador."

Franzindo sua testa, ela grita no aparelho, "Você? Crente?" Com raiva, ela apaga o cigarro no cinzeiro. Sua voz exalta, "Ele te contaminou com essas mentiras religiosas! Não acredito que estou ouvindo."

Como as sombras que penetram a tela da piscina dos galhos do carvalho enorme acima, minha escuridão cobre minha cativa. Todas as células do corpo de Branca estão infectadas com minha presença opressiva, como o bolor se espalhando pelo deck da piscina. Nenhum método de purificação pode limpar minhas manchas malignas e transformar esta casa onde eu moro, limpa.

Minha casa.

A irmã permanece em silêncio por um momento, depois diz, "Não. Não estou brincando. Branca, escuta. Você sabe muito bem o inferno que estou passando com aquele moleque—primeiro as drogas. Depois abandonando os estudos. Agora a gravidez da namorada." Um suspiro profundo, "Tudo está desmoronando na minha vida. Mas vou te falar, algo aconteceu depois daquela oração. Eu sinto paz e esperança agora."

"Você nem tem ideia como é ridículo esse papo furado de igreja." Ela acende outro cigarro, e com raiva fecha os olhos, "Ridículo mesmo."

Minha expectativa é que a irmã parte para a ignorância tornando-se defensiva como sempre. E que essa conversa termine em uma discussão entre as duas. Porém, a atitude dessa nova crentezinha fajuta é surpreendente. Não, ela não se entrega a conversas habituais inúteis e profanas. Não se ofende. Nem se defende. De fato, a influência do homem de Deus alastrou como câncer em sua alma.

"Eu sei que não faz sentido. Mas talvez se você conhecer o pastor..."

Esta conversa está indo longe demais. Está na hora de terminar o assunto. Eu sussurro, "Sua irmã é uma mulher fraca, insensata e sobrecarregada com seus problemas tolos. Confiando em um estranho que está infiltrando em sua vida. Sendo influenciada pela depravação dos seus ensinamentos. É repugnante como ela regurgita essas mentiras de um qualquer que acaba de entrar da rua. Quem sabe quais suas intenções? E seus pais? E se ele os influenciar também?" Essa autossugestão a faz ficar rígida. Logo desconfiada, seus olhos chispam fogo quando sibilo em seu ouvido, "Sim, ele só tem interesse mesmo é de ganhar dinheiro. É somente isso que o pregador quer. Dinheiro é o que ele está atras."

"Não faz sentido? Acho que você pirou, hem?" Repetindo minhas palavras, ela da um soco na mesa de vidro, espalhando cinzas para todo lado, "Dinheiro. É só isso que esse tal de pastor quer. Como é que você pode confiar num estranho se infiltrando assim na sua vida? Nem pensa em deixar ele chegar perto da mamãe e do papai. Estou te avisando Mana."

Há um momento de silêncio muito suspeito na outra linha. Será que a traiçoeirinha está orando? Sim, estou pressentindo. Oração fraca, mas uma oração dirigida ao Filho, todavia. Sutil e ondulante. Leve como o aroma de grama recém-cortada na brisa matinal, permeando a atmosfera, interferindo com meu campo

de energia que envolve minha cativa. Momentaneamente, minha conexão com Branca é quebrada.

Mais do que tudo nesse mundo, eu quero destruir esse pastor e a irmã. Quero arrancar suas peles e carne de seus ossos com minhas garras. Mas por hora, extrair minha cativa dessa palermice tediosa é fundamental. Com muito esforço, consigo reconectar com a sua consciência novamente, "Está ficando tarde. É hora de preparar o jantar. Os deveres de casa das crianças precisam ser verificados. E o quarto daquele menino, hem? Que bagunça, não? Você tem mais do que fazer, em vez de ficar ouvindo essas tolices." Coloco minha garra sobre sua cabeça, "Desliga esse telefone, agora."

"Ele não é desse tipo não, Branca. Nunca mencionou dinheiro."

"Está ficando tarde. Preciso fazer a janta, verificar os deveres de casa das crianças." Batendo com os dedos na mesa de vidro, ela bufa, "Tenho que desligar."

"Claro. Tudo bem. Mas a razão mesmo que liguei foi pra te convidar vir em casa no sábado. O pastor vem tomar um café com a gente. Quem sabe você mude de ideia depois de conhecer ele?"

Há! De jeito algum. Nunca permitirei que minha cativa entre em contato com aquele adversário impertinente. Com um estalar de dedos, evoco uma distração imediata. A caixa de som do seu filho amplifica como um jato rompendo a barreira do som. Musica explode através das paredes do seu quarto invadindo a varanda, interrompendo a conversa na mesma hora.

Grasnando como um corvo, em seu ouvido, eu grito a letra da música que fala sobre sombras. Chamo seu nome. E ela estremece.

"Eu juro—se pego esse menino—tenho que ir. Tchau." Antes que a irmã possa falar mais uma palavra, ela entra na casa, e bate o telefone contra o aparelho na parede.

A casa vibra com o som ressonante da música heavy metal. Esses ruídos me exaltam. Explosivos, como uma batalha de grande destruição, estilhaçam a mensagem da irmã em fragmentos de palavras sem sentido.

Amaldiçoando como um bárbaro, sua língua desenfreada, ela bate na porta do quarto do seu filho adolescente repetindo cada palavra imunda que eu sussurro em seu ouvido. Até parece que estamos brincando o jogo de crianças Siga-o-Mestre.

Através de sua boca fala do que está repleto seu coração. Por apenas uma pequena fagulha, seu discurso é incendiado em profanidades, cuspindo palavras venenosas. Palavras que nunca voltam atrás. Ela me obedece como um animal com freio na boca. Eu a guio exatamente para onde eu quero que ela vá.

"Desligue isso agora!" Enquanto ela grita e bate na porta, mais e mais vermelhas ficam suas palmas das mãos.

O cachorro, um traste sujo de pelo emaranhado, foge ganindo para um canto da sala com o rabo entre as pernas. Quantas vezes esse animal foi apanhado no fogo-cruzado da ira da minha cativa?

Apenas alguns metros de distância, sua filha de quase dez anos, se encolhe no sofá cobrindo as orelhas com suas mãos. Sob lentes grossas dos óculos, ela aperta os olhos com medo. A luz azul da televisão cintila na sala sombria, enquanto imagens animadas dançam na tela. Riso infernal do desenho animado; música estourando; punhos socando a porta; gritos e palavrões, enchem a casa em uma cacofonia tumultuosa. Esse caos é como um bálsamo para os meus ouvidos.

Ah, seus filhos não alimentam esperança de se verem seguros. Esmagados por seus constantes ataques de raiva. Não há quem os defendem. Nasceram para a tribulação. Então, enquanto suas palavras degradantes, como fagulhas voam para cima, o garoto finalmente desliga o som.

Através de uma pequena fresta na porta, ele enfia o rosto marcado de acne e diz, "Desculpa mãe."

Mero arrependimento não a satisfaz. Sua língua continua atacando o menino. Com o cabelo puxado em um rabo de cavalo, a sobrancelha esquerda perfurada com uma argola, envergonhado, ele abaixa a cabeça. Intermináveis insultos são lançados contra ele, e ela ordena o garoto que, "limpe esse chiqueiro agora mesmo."

Com meus braços cruzados no peito, dou um passo para atrás e observo-a com orgulho. Mesmo que o nosso jogo de Siga-o-Mestre terminou há um bom tempo, ela não precisa que a cutuco muito para continuar. Com sua palma da mão perto do rosto de seu filho, ela é incessante em sua repreensão. Humilhado, o menino permanece na porta, cabisbaixo, esperando a fúria da sua mãe passar.

Capítulo 5

OS ANTEPASSADOS

Cem anos atrás, assumi controle dos bisavós paternos de Branca na Calábria, Itália—em uma cidade chamada Ciró. Assim como todos seus antepassados, eles foram lançados em outros países onde não nasceram, depois morreram, nunca retornando para sua terra que desejavam retornar.

É imperativo, neste momento, retraçar a genealogia da minha cativa.

Façam saber que através desses relatos, eu falo apenas por minha própria natureza. Então por já, deixe o sol parar, e que a lua do espaço fique imóvel.

Como um espirito familiar, ou talvez um diabo, demônio, ou até mesmo um lacaio—assim como alguns me classificam—minha autoridade e controle sobre gerações da árvore genealógica de Branca durou por muito mais tempo do que somente um século.

Que fique bem claro: Territórios específicos nunca foram atribuídos sob meu controle. Em nossa hierarquia espiritual contudo, meus superiores—Os Reis, Príncipes, Generais, Legiões, Coortes, Capitães, Governantes, Centuriões e até os homens fortes—não somente declaram domínio sobre territórios específicos, mas também controlam eventos geopolíticos que afetam a história ao longo dos tempos, a fim de desencaminhar todos nesse mundo patético.

Assim como inumeráveis multidões de anjos rebeldes, recebi autoridade para controlar linhagens por milênios. É como servimos principados e potestades, os deuses das trevas, as forças e domínios espirituais deste mundo tenebroso. É o nosso cálice. Nossa porção. Nossa herança. Nosso prazer de esmagar essas almas. De causar sofrimento. Para que eles nunca vejam a luz da vida, e ficarem satisfeitos. Para cegar o entendimento dos incrédulos, a fim

de que não vejam a luz do Evangelho do Filho.

Esta história já não foi escrita há milhares de anos? Então, o que foi voltará a ser, o que aconteceu, ocorrerá de novo, o que foi feito se fará outra vez. Não existe nada de novo debaixo do sol. Certo? Meu desejo seria retornar ainda mais atrás no tempo. Talvez até a Idade do Bronze. Relíquias do Santuário de Apollo, e fósseis das antiguidades do povo grego foram escavadas nesta pitoresca cidade litoral de Ciró. Suas raízes voltando até Odisseu, o rei legendário dos gregos: O astuto e sagaz herói da guerra de Tróia.

Mas ele não era reconhecido assim para os romanos, que o chamavam de Ulisses. Em vez de um herói, os romanos o consideravam apenas um vilão cruel e falsificador colocado por Dante no fundo do inferno. Envolvido em chamas, Ulisses para os romanos era apenas um calculista fraudulento e malicioso.

Tudo que refiro acima, serve para ilustrar perspectivas da natureza humana. E a razão pela qual eu discuto isso, é para mostrar assim como eu também, como Odisseu (ou Ulisses, se preferir), tinha meu próprio cavalo de Tróia no meu grande esquema das coisas. De fato, usei-o para minha própria odisseia na batalha para ganhar as almas dos meus novos cativos aqui mesmo no dedão da bota proverbial que forma a Itália.

Uma passagem no Livro declara que todas as criaturas humanas caminham rumo a um mesmo destino. Tanto o justo quanto o ímpio. O bom e o mau. Todos repleto de malignidade e de insensatez. Então, o que devemos concluir?

Embora meus cativos proclamavam-se sábios, tornaram-se tolos. Seus pensamentos fúteis e seus corações insensatos, transformaram-se em trevas.

Portanto, sempre que tentavam fazer o bem, eu estava ao lado deles.

A linhagem de Branca é atormentada por um Espírito Familiar há cem anos, por meio de engano e guerra espiritual. Há apenas uma esperança para que Branca e sua família sejam libertos: através do Filho, cuja luz faz a escuridão fugir.

Pandemônio: Crônicas de um Espírito Familiar
By Ivani Greppi

Order the book from the publisher Booklocker.com
https://booklocker.com/books/13910.html?s=pdf
or from your favorite neighborhood
or online bookstore.